**PERFIL DOS ACOMPANHANTES DE MULHERES NO TRABALHO DE PARTO E PARTO**

Bárbara Hemily Cassimiro Salvaro

Faculdades Pequeno Príncipe

Pós graduação lato sensu residência em área profissional da saúde - Enfermagem

Historicamente o parto é um evento natural e que comumente acontecia nas residências, mas a partir do final do século XIX a prevalência desses partos diminuiu ocorrendo aumento das ações médicas (ALVES, *et al.*, 2013). A partir de 1980 houve um movimento em prol da humanização do parto, com objetivo de promover a autonomia da mulher, sua privacidade e principalmente evitar medidas intervencionistas durante o trabalho de parto e parto que podem ser prejudiciais à mulher e ao recém-nato (SANTOS, TAMBELLINI, OLIVEIRA, 2011). Em 2005, a Lei 11.108 surgiu a fim de garantir a parturiente o direito à presença de um acompanhante de sua escolha, durante o trabalho de parto, parto e pós-parto. Por sua vez esse processo de humanização na íntegra, ainda deve ser trabalhado pelo fato de não haver execução efetiva em todas as instituições, bem como nas ações tomadas pelos próprios profissionais (RODRIGUES, et.al., 2013). Nesse contexto a enfermagem se faz altamente necessária e atuante frente às políticas voltadas à humanização no atendimento, com sua prática reconhecida e baseada em conhecimentos científicos, adicionado à devoção e preparação rigorosa, capaz de fazer total diferença diante do exposto (PRATA, PROGIANTI, PEREIRA, 2012). Estudos apontam que a participação ativa do acompanhante é de grande valia, e para que ocorram ações ativas, o conhecimento prévio é primordial. Neste sentido, o objetivo da pesquisa é caracterizar o perfil dos acompanhantes de mulheres no trabalho e parto e parto, que estiveram presentes no momento de trabalho de parto e parto, em um Hospital de Ensino do Sul do Brasil. Trata-se de uma pesquisa de campo baseada no método misto. A amostra foi composta por 100 no estudo quantitativo, e a população total foi de 16 no qualitativo. Os dados foram coletados por meio de entrevistas, tendo iniciada a coleta em dezembro de 2014 e finalizada em abril de 2015. Durante análise dos dados, sendo essa baseada nos preceitos de John W. Creswell (2010) evidenciou a predominância de acompanhantes do sexo masculino, com um filho, idade média de 42,18 anos, em união estável, se autodenominara brancos, de religião católica, com atividade remunerada, com renda familiar de dois a três salários mínimos, com ensino médio completo (E.M.C.), natural e procedente da cidade de Curitiba/PR. Os dados referentes à união consensual, ensino médio completo, e taxa de fecundidade aproximada são dados contingentes aos apresentados pelo IBGE, no censo demográfico de 2000/2010, em que o índice de casamento civil e religioso diminuiu. Em contrapartida a união consensual aumentou, o percentual de pessoas com pelo menos ensino médio completo cresceu mais que 10% de 2000 para 2010, e a média de fecundidade no Brasil é 1,90, e os dados coletados apontaram 1,92 aproximadamente (IBGE, 2012). Alusivo ao fato de a predominância do sexo masculino como acompanhante, é justificada pelo fato de serem os companheiros das parturientes, que por sua vez eles acreditam ser os mais preparados para assistir o trabalho de parto e parto. Por mais que todos os entrevistados reconhecessem a importância de sua participação como acompanhante, a maioria não teve acesso a informações que pudessem aprimorar suas atitudes, durante o momento que estaria como acompanhante. Apesar de tais acompanhantes não terem se aprimorado em conhecimentos científicos houve certa tentativa e esforço para ajudar a mulher durante o trabalho de parto e parto. Todavia o despreparo para vivenciar tal momento, pode atrapalhar a equipe e a parturiente, pelo fato de não saberem o que fazer, bem como não saber o que irá acontecer, acabando por impedir a oportunidade de vivenciar efetivamente esse momento (SANTOS, TAMBELLINI, OLIVEIRA, 2011). Já aquelas que foram acompanhadas, do sexo feminino, na sua minoria, a razão foi por escolha da parturiente, em acreditar que seria melhor para ela ter uma mulher presente, ser que gera vida como ela, dando maior confiança no momento. Este dado vai ao encontro de outros trabalhos, em que as acompanhantes do sexo feminino tendem a ser mais bem vistas pelas parturientes, pelo fato de serem mulheres, provedoras, e algumas com vivência própria anterior, ecoando por vezes em conduta maternal (PALINSKI, et.al, 2012). Nos casos dos participantes que já foram acompanhantes de mulheres no trabalho de parto e parto em outro momento, independente da instituição, foi evidenciado que a experiência anterior interfere diretamente nas ações e decisões prestadas na situação atual como acompanhante, sendo ela positiva ou negativa, todavia a segurança, apoio, tranquilidade e calma são pensamentos presentes posteriormente proporcionados pelos acompanhantes. Este estudo tem como favorecer um olhar crítico a respeito da importância da participação constante dos profissionais da saúde, tanto nas consultas do pré-natal como no centro obstétrico, orientando não só a gestante, mas também os que serão acompanhantes das mulheres durante o trabalho de parto e parto.

**Palavras-chave:** Acompanhantes de mulheres no trabalho de parto e parto; Enfermagem obstétrica; Parto humanizado.

**Referências:**

1. ALVES, M. C., *et. al.* Apoio à parturiente por acompanhante de sua escolha em uma maternidade-escola. **J. res.: fundam. care**, v. 5, n. 3, jul./set. 2013. Disponível em: < http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/ viewFile/2060/pdf\_835 >. Acesso em: 10/03/2015.
2. CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3.ed. Porto Alegre: Artemed, 2010.
3. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Censo Demográfico 2010, resultados gerais da amostra. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008> 473104122012315727483985.pdf >. Acessado em: 08 jun. 2015.
4. PALINSKI, J. R.; et.al. Women's perception on the process of labor coaching: a descriptive study. Online Braz. J. Nurs., Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2012. Disponível em: < <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/> article/view/3603/html >. Acesso em: 08 dez. 2014.
5. PRATA, J. A.; PROGIANTI, J. M.; PEREIRA, A. L. F. Rev. enferm. UERJ, v. 20, n.1, jan/mar 2012. Disponível em: < <http://www.facenf.uerj.br/v> 20n1/v20n1a18.pdf >. Acesso em: 12/04/2015.
6. RODRIGUES, D. P.; et.al. Social representations of women in pregnancy, postpartum, and educational actions. Online braz. j. nurs., v. 12, n. 4, dez 2013. Disponível em: < <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article> /view/4287/pdf\_37 >. Acesso em: 18/08/2015.
7. SANTOS, J. O.; TAMBELLINI, C. A.; OLIVEIRA, S. M. J. V. Presença do acompanhante durante o processo de parturição: uma reflexão. **Reme, Rev. Min. Enferm.,** v. 15, n. 3, jul/set 2011. Disponível em: < <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/58> >. Acesso em: 13/04/2015.